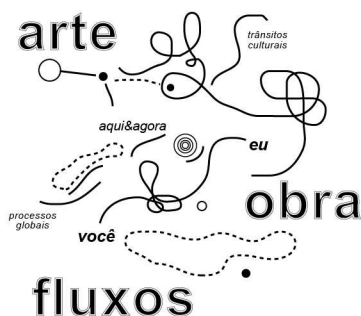




XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

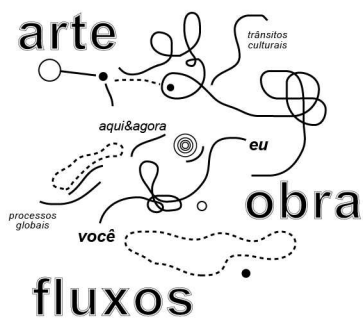
O LENHADOR E A FLORESTA VIRGEM: JOSEPH LEON RIGHINI E AS REPRESENTAÇÕES ECOLÓGICAS NA PINTURA DA AMAZÔNIA NO SÉCULO XIX

Aldrin Moura de Figueiredo

UFPA

Joseph Léon Righini (1820-1884), um misto de pintor, desenhista, gravador, fotógrafo, cenógrafo, foi um intelectual de destaque na cena das artes na Amazônia nos meados do século XIX. Com formação clássica na Accademia delle Belli Arti di Torino, na tradição de Lorenzo Pecheux (1729-1821), veio para o Brasil e teve passagens no Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Luís e Belém do Pará. Nesta última cidade, que escolheu para viver, manteve um círculo intelectual proeminente ao lado do tipógrafo e gravador germânico Johann Karl Wiegandt (1851-1918). Entre suas obras, ganham relevo as cenas de paisagem, contrastando a imagem edênica da terra intocada em oposição ao registro da presença humana e da transformação decorrida pela derrubada da mata virgem. Nesta comunicação analiso as telas *Rio na Floresta Brasileira do Pará* e *Natureza Equatorial do Pará*, pintadas entre 1865 e 1867.

Importante reiterar que as obras de Righini se inserem num movimento político de artistas da paisagem que retratam as cenas pitorescas da nação como parte de um registro das potencialidades da região. De fato, existem como que um repertório cognitivo de temas, imagens e representações que aludem algumas das questões mais importantes para a época. O problema da navegação e do sistema



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

hidroviário amazônico, após as tensões que levaram a abertura do Amazonas à navegação estrangeira. A grandiosidade e a beleza do rio como cenário exuberante da floresta amazônica, retratado em 1865, mantém um diálogo com o debate corrente na época, como as pressões de interesses regionais das províncias do norte em favor da navegação livre na grande bacia; os mitos criados e propagados no Hemisfério Norte sobre a Amazônia e suas riquezas; as tentativas de colonização preventiva da região na década de 1850; a importância do rio Amazonas, à época, como rota comercial, e as consequências da questão no posterior relacionamento entre o Brasil e seus vizinhos amazônicos.

A descrição da natureza equatorial funcionou como uma espécie de registro visual para os emigrantes. Na década de 1860, houve várias tentativas de estabelecimento de colônias polonesas, a partir dos projetos do conde Antonio Ladislau Jasienski, de colônias norte-americanas pelas iniciativas do major Hastings. Há, neste sentido, uma retomada do discurso de terra da promessa que, além de tudo, é cheia de belezas naturais. Righini viveu, experimentou e produziu visualmente esse debate, com obras nas quais os críticos do passado e do presente observaram a destreza do artista em articular áreas de luz e sombra, muito além disso fazem parte de um imenso debate político sobre o processo de ocupação, colonização e uso das florestas na Amazônia do século XIX, no qual a pintura foi um dos mais eloquentes testemunhos.

Amazônia, pintura de paisagem, história ambiental